

# A produtividade é forte nos...

*economia - Brasil*

Produtividade da economia cai 0,5% ao ano, em média, desde 1996

Cynthia Malta  
de São Paulo

**Continuação da página A-1**

A economia brasileira cresceu pouco na segunda metade da década de 90. O Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 10,4% em termos reais, de 1996 a 2001, ou 2% ao ano em média, aproximadamente.

A força de trabalho, por sua vez, cresceu na ordem de 2,4% ao ano. Portanto, indicam os professores da FGV, o crescimento anual do PIB por trabalhador foi negativo, de cerca de 0,4%. "Em igual período, o estoque de capital líquido expandiu-se a uma taxa de 2,5% ao ano, implicando uma redução da produtividade total de fatores brasileira de 0,5% ao ano", diz o estudo.

Dante desse quadro adverso, o desafio para Garcia, Oliveira Pires e Souza, era saber quais setores estavam conseguindo obter aumento de produtividade e quais registravam desempenho desfavorável.

A metodologia utilizada no trabalho, desenvolvida em 2000 pelo Ph.D. em Economia Subal Kumbhakar, professor da Binghamton University (EUA), "evita erros de medida das estatísticas calculadas pelo IBGE", explica Garcia. A metodologia também "expurga" fatos fora do controle das empresas, como catástrofes climáticas e apagões, que levam a racionamentos de energia, por exemplo. Esses fatos, se considerados, podem afetar a medição da real produtividade de um setor.

Garcia dá um exemplo detectado no trabalho: o setor de informática, por métodos tradicionais de medição de produtividade, aparece com crescimento anual médio de 40% de 1996 a 2000. Mas se for considerada a desvalorização cambial, em especial a ocorrida em 1999, a taxa fica entre 15% e 16%.

"É isso é muito bom, pois verificou-se que a indústria brasileira de informática está na média mundial, que também é de 15% a 16%", diz Garcia. A abertura do mercado de informática a empresas estrangeiras, lembra, também ajudou. Multinacionais trouxeram equipamentos modernos, novas tecnologias, favorecendo o aumento da produtividade do setor.

A metodologia empregada pelos professores da FGV permite decompor a produtividade total dos fatores (capital e trabalho) em quatro vertentes: progresso técnico, eficiência técnica, eficiência de escala e eficiência alocativa.

O progresso técnico mostra a evolução tecnológica advinda da incorporação de novos métodos ou

Produtividade na economia brasileira					
(taxas de variação média anual, em %, de 1996 a 2000)					
Setor e divisão	Produtividade (PTF)	Progresso técnico			
		Empresas novas	Média do setor	Ganhos de escala	Eficiência alocativa
Indústria extrativa	-0,1	14,0	4,0	1,8	-6,0
Indústria de transformação	1,9	15,1	2,9	2,2	-3,2
Construção	3,0	4,0	2,7	-0,2	-1,9
Comércio	9,1	17,8	8,7	0,1	0,3
Serviços	9,3	9,5	7,5	-0,4	2,2

Fonte: Relatório "A Evolução da Produtividade Total de Fatores da Economia Brasileira: Uma Análise do Período Pós-Real" elaborado pelos professores Fernando Garcia, Jorge Oliveira Pires e Rogério César de Souza, da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo.

Obs.: valores positivos indicam ganhos de produtividade e negativos, perdas de produtividade.

PTF = Progresso técnico da média do setor + ganhos de escala + eficiência alocativa.

de novos produtos e oferece resultados diferenciados, no trabalho da FGV, para empresas novas e para a média do setor. No caso específico do comércio, enquanto a média do setor é de aumento anual de 8,7% no progresso técnico; as empresas novas crescem 17,8%.

Para o setor de serviços a média do setor, de 7,5% ao ano, está mais próxima da taxa exibida pelas empresas novas, com 9,5%.

A eficiência técnica espelha o grau de eficiência da empresa em relação à melhor técnica disponível ("best practice" no jargão dos técnicos). Eficiência de escala considera os ganhos econômicos obtidos com o aumento da escala da produção e do melhor aprovei-

tamento da capacidade instalada. E a eficiência alocativa mostra os ganhos conseguidos com uma melhor alocação dos fatores produtivos. "Aumento de impostos, por exemplo, acabam por reduzir a eficiência das empresas", explica Garcia.

No setor de serviços, onde o estudo da FGV detectou aumento médio anual da produtividade de 9,3% — o mais alto da pesquisa —, o progresso técnico foi o principal responsável pelos ganhos registrados. Garcia lembra, por exemplo, dos investimentos de grande porte no segmento de hoteis de turismo, que trouxeram equipamentos, formas novas de administrar e demandaram pessoal treinado. A produtividade desse tipo de negócio — incluído na categoria serviços de alojamento e alimentação — cresce 8,2% ao ano, em média.

No comércio — cujo aumento médio anual da produtividade é de 9,1% — a evolução tecnológica também é apontada pelos professores da FGV como o principal fator de ganhos. A incorporação de novos produtos, equipamentos, e

novos métodos de conduzir o negócio, ajudou, e muito.

"Podemos nos lembrar de todos aqueles supermercados, farmácias, instalando caixas registradoras com leitura óptica, por exemplo. Isso aumentou a produtividade", diz Garcia.

O grau de eficiência técnica do comércio, de 52,2%, mostrou-se superior ao da indústria, de 45,4%, com destaque para o comércio atacadista, com 57,8%, diz o estudo, que considera 100% como o melhor grau de eficiência técnica. Além dos supermercados e farmácias, o estudo detecta que o comércio de veículos e combustíveis apresenta um conteúdo tecnológico 18,4% superior ao do comércio varejista.

No caso da indústria de transformação, além dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) das empresas, o estudo ponderou também informações sobre o capital humano, em especial o grau de escolaridade.

Os setores "que investem em tecnologia e, principalmente, que empregam mão de obra com maior qualificação são as que obtêm maior valor adicionado por trabalhador."

Do ponto de vista técnico, os setores mais eficientes da indústria de transformação são: petroquímico, máquinas para escritório e equipamentos de informática e extração de minérios metálicos. Os menos eficientes são os fabricantes de fumo, os produtores de madeira e a indústria de reciclagem.

Os segmentos, ainda na indústria, que apresentam maior conteúdo tecnológico são: edição, impressão e reprodução de gravações, fabricação de máquinas para escritório e equipamentos de informática, fabricação de produtos químicos, fabricação de material eletrônico e de equipamentos de comunicações e fabricação de outros equipamentos de transportes. Este último inclui a fabricação e reparação de aeronaves.

Os setores da indústria menos desenvolvidos tecnologicamente, segundo o estudo da FGV, são: preparação de couros e fabricação de artigos de couro, artigos de viagem e calçados, fabricação de produtos de madeira, extração de petróleo e serviços correlatos, fabricação de produtos têxteis e reciclagem.

No caso da indústria, de transformação e extrativa, o trabalho dos professores da FGV detectou perda de eficiência alocativa a uma taxa média anual de 3,2% e 6%, respectivamente. Segundo Garcia, isso pode ser explicado pelo aumento da carga tributária sobre as empresas.

No setor de construção civil, o estudo da FGV aponta que "em média, operava em 2000 com um grau de eficiência técnica de 88,3%, valor bastante superior ao da indústria." Os segmentos mais eficientes, do ponto de vista técnico, são os de demolição e preparação de terrenos, montagens de estruturas e de instalação de sistemas de ventilação e de refrigeração. Os menos eficientes são: impermeabilizantes e serviços de pintura; obras de urbanização e paisagismo; e alvenaria e reboco.

## Próximos estudos

Garcia disse a este jornal que este estudo é o primeiro passo para uma série de trabalhos sobre produtividade. Os próximos pretendem mapear a produtividade nacional por regiões no País; medir a produtividade dos setores financeiro e agropecuário brasileiro e comparar os resultados brasileiros com países da América Latina.

Garcia também está tentando junto ao IBGE ter acesso aos dados individuais das empresas, que serão mantidos em sigilo, para que a medição da produtividade seja feita de forma mais exata.

O objetivo final desses estudos, explica Garcia, é ajudar o País a elaborar uma política de planejamento, de desenvolvimento, para a economia. Afinal, somente sabendo-se o real estágio dos negócios na indústria, no comércio e nos serviços, será possível elaborar tais políticas.